

V. Moysado Moraes Ferreira  
Valley



ASSIGNATURA

Sem estampilha  
Anno..... 15000 réis  
Semestre..... 500 réis

Com estampilha  
Anno..... 15200 réis  
Semestre..... 600 réis  
Numero avulso. 40 réis

Administrador  
João Antonio R. de Silva

PUBLICAÇÕES

Annuncios  
Cada linha..... 50 réis  
Repetição..... 25 réis  
Communicados, por  
linha..... 60 réis

Os srs. assignantes teem  
desconto de 25 %.

Editor  
Plácido Augusto Toga

# O Ovarense

## JORNAL DO PARTIDO PROGRESSISTA

14 DE JANEIRO

### VIDA NOVA

E' de balde que nos cançamos pedindo, momento a momento, vida nova.

Os politicos do nosso paiz, na sua maior parte, galados de anemia e sentindo o seu organismo gasto pela doença da epocha, desentranham-se a pedir vida nova, como quem pede pão para a bocca, sangue para as veias, alimento para o estomago.

Pelos modos, os velhos processos da nossa politica de cada ente começam a desagradar-lhes. A reacção fermilha já entre os que se julgam menos contaminados pela gangrena corruptora. Ouvem-se uns protestos vagos; presente-se um desejo palpitante de pôr barreiras ao alastramento da lepra; principia a fazer-se luz nas trevas densas onde tripudiava a mentira ignobil.

A imprensa parece querer entrar n'um periodo de franqueza rude e sã, engeitando certas responsabilidades pec-

caminosas, que a tornavam odienta.

Vae-se começando a fallar claro ao paiz ingenuo.

Nas forjas do embuste, donde os nescios sabiam mascarados de sabios, quebram-se pouco a pouco as ferramentas com que se fabricavam os politicos insignificantes de meia escudella. O *modus vivendi* passado vae-se aclarando dia a dia, com o seu cortejo de despeitos insofridos, de ambições injustificadas e incommensuraveis, de egoismos enormes, de sentimentos baixos e vis.

Dizem-se já, em todos os campos, verdades nuas e cruas, cnstem ellas o que custarem. Ha queixas amargas suscitadas por uma irritação profunda, que estalam como canhões.

O que se chamava disciplina partidaria, e que servia para amordaçar os bons em proveito dos exploradores, produzindo toda a casta de humilhações e de vergonhas, deixou de ser o papão terrorista, perante o qual a dignidade humedecia, os orgulhos offendidos não verberavam um só protesto, as consciencias honestas e limpas não tinham animo para alimentar uma revolta.

Ora, pois, em vista de tudo isto, é necessario e indis-

pensavel que o paiz succeda as *clagues* ministeriaes e arvore em ministros homens dignos e sensatos, que levantem a nação; homens que tenham por unica missão remodelar a nossa sociedade. Com gente assim é que se pode entrar em vida nova.

Mas como é possível endireitar o paiz? Como é possível imprimir alento e vida ao doente que está ás portas da morte? Para que nos cançamos a pedir vida nova?

### As reformas de fazenda

Não se sabendo por ora mais nada das propostas financeiras do sr. José Dias, entreteremos o dia de hoje com a reforma das repartições de fazenda districtaes e concelhias, que tão anciadamente foi esperada; e que sómente veio confirmar as nossas previsões, escreve o «Correio da Noite»: O sr. Dias Ferreira mostrou mais uma vez n'este documento a sua inhabilidade e incontestavel incompetencia, como é o de melhorar a administração da fazenda publica. Realmente vir com essa monstruosidade, ao cabo de tantos labores, produzir apenas uns effeitos de *politiquice* salaia, após

tantos mezes de gestação, não nos surpreendeu a nós, porque esperavamos isto mesmo, como aqui n'este logar dissemos, mas ainda surpreendeu alguns até ahí menos desilludidos.

O sr. Dias Ferreira confirmou as nossas previsões, excepto n'um ponto em que as excedeu. Foi aquelle em que s. ex. transformou a sua reforma em reforma politica eleitoral. A amovibilidade dos delegados do thesouro, dos escrivães de fazenda, dos empregados das repartições districtaes e dos escripturarios, a facilidade de transferir os escrivães e empregados das repartições de fazenda dos districtos de umas para outras repartições dentro da mesma ou correspondente categoria (art. 8 n.º 2. que deve entender-se de harmonia com o art. 44) e finalmente o preceito de que os delegados do thesouro exonerados da commissão, tendo sido escrivães de fazenda, ficam reduzidos apenas a 500g réis, vencimento de categoria dos escrivães de bairros, ou 320\$000 réis, vencimento de categoria dos escrivães dos outros concelhos de 1.ª classe e dos de 2.ª, e além d'isso, com obrigação de serviço determinado pela direcção geral das contribuições directas, são a prova irrefutavel de que não fomos injustos nas intenções que attribuímos ao sr. Dias Ferreira.

Todos os que entendem alguma coisa de administração de fazenda são de opinião que é necessario dar aos referidos funcionarios uma garantia serie de inamovibilidade, pelo menos durante cinco annos, para evitar as grandes despezas com transfe-

ncias que são verdadeiras espadas de Damocles suspensas sobre as suas cabeças, e cujo fio se conta pela vontade de um mandão local ou por um simples e futil motivo eleitoral. São facéis de tirar as consequencias d'esse regimen. Não teem tempo de fazer bons logares, porque não podem conhecer os districtos e os concelhos, pondo-se a par do seu meio e condições de riqueza e emendando os erros até ali commetidos.

O sr. Dias Ferreira, porém, com o falso pretexto de que não queria escrivães de fazenda com privilegios de juizes de direito (sic), decretou a sua amovibilidade como quem significa que a boa administração da fazenda publica, a justa e equitativa distribuição dos impostos, é o que menos lhe importa. Parece que o que o sr. Dias Ferreira quiz foi transformar os empregados de fazenda em agentes electoraes. E tanto assim é, que o sr. José Dias, que não queria os escrivães de fazenda com privilegios de juizes de direito, tirou a estes magistrados, para os dar aos mesmos escrivães, os processos executivos por dividas á fazenda, antiga arma eleitoral de que dispunham os administradores dos concelhos e que, por accordo de todos os partidos, lhes foi tirada em 1886.

### ECHOS DA CAPITAL

O sr. Francisco de Castro Mattoso entregou na quinta feira

outro? Não são todos homens?! A verdadeira sociedade não consente que a mulher seja escrava d'um só homem: é livre e pode pertencer a quem lhe aprouver! Que é o casamento?!... Que significa? Não pode significar se não a mão com que se vende o pondonor das virgens! Mediante essa palavra fica um homem possuindo uma joia de belleza, ainda que esse homem seja um pedaço d'asno, á proporção que essa belleza dirigida habilmente podia render bons contos de réis! Ah! mulheres, mulheres que não sabem fazer uso da formosura que a Natureza lhes deu!

E n'estes pensamentos diabolicos, esta bella prenda affastou os cortados do leite, e desapareceu na fofa cama.

Continua.

### FOLHETIM

M. DUARTE D'ALMEIDA

### LAGRIMAS

E

### FLORES

— 308 —

— Affianço-lhe que estou boa. — Então boas noites. Em quanto à tua visão eu mandarei immediatamente rondar o jardim. Dorme socegada: adeus.

E o barão depoz um osculo na frente de sua filha sabendo em seguida dos aposentos d'ella.

Quando chegou à sala, viu que os servos tinham accendido as luzes e fechado as janellas.

Emmelina levantou-se do leito e começou a tirar as suas joias e mais adornos pensando sem da vida, nos acontecimentos porque estava passando.

Os quinhentos contos do manco não lhe sabiam da imaginação onde se lhe mostrava em perspectiva, jardins encantados e o luxo e riqueza das filhas dos nabavos descriptas nas «mil e uma noites». Acima de tudo isto, a sua fantasia desenhava lhe no seu entusiasmo fememino, uma coroa de duqueza suspensa sobre a sua cabeça, tendo por remate immenso numero de brilhantes e joias maravilhosas, inveja de principesas e rainhas.

Como é a ambição! Emmelina ainda assim não era feia, posto que pouco tivesse de formosa, tanto moral como fisicamente. O aspecto era algum tanto esbelto e affectadamente elegante.

Não se notava no seu todo traços d'essa formosura arrogante que poucas vezes apparece nos salões da aristocracia portugue-

za; nem a sympathia que faz da mulher menos feia o idolo do amante desgosto, exquisites, lhe dava a menor graça.

Era mulher vulgar na sua forma. Em compensação de tudo isto, os seus olhos possuíam um certo dom de attrahir, e os labios nacarados tinham uma sensualidade tremula. Um fino observador bastaria vel-a de relance para julgar d'ella uma d'estas mulheres mimosas a quem nada agrada, e de tudo murmuram deixando todo o governo da casa nas mãos do marido bastante afdigado com o trabalho publico, e exigindo criadas para lhes pôr os enfeites com que só pretendem agradar aos *dandys*.

D'estas está o mundo cheio, louvado Deus!

Alguns momentos depois que o barão sahiu do quarto de dormir, ella dispondo-se para se deitar, dizia a meia voz consigo mesma:

— Preferir-me a uma costureira! E' demais! Pedaço de bruto! Não ter em conta a mi-

nha posição, as minhas finas qualidades, nem a nobreza da minha familia! Escarnecedor da minha dignidade, veremos se depois m'as pagará!...

E os seus labios cerraram-se com rancor para depois se abrirem n'um insulto.

— Que importa que seja assaz estúpido a ponto de desconhecer que deve preferir-me a outras mulheres menos adoráveis? tem muito dinheiro... e depois comprarei vestidos em França para que não venham enfezallos das mãos d'estas sebestonas portuguezas.

Oh! então irei para Lisboa a frequentar os grandes bailes, as grandes e parisienses soirées, travando relações com os ministros e principes estrangeiros e nacionaes! Ah!... até que o visconde acabará com o desprezo que parece lançar-me ao rosto, e apaixonar-se-ha por mim a ponto de exigir o adulterio. Serei uma mulher casada, é verdade, mas o casamento não prohibe as nossas ideias: que importa que ame a

a sua magestade El-Rei as representações de Agueda, Família, Ourem, Oliveira do Hospital, Sousa, Condeixa, Albergaria-a-Velha e Estarreja.

Corria hontem com grande insistencia na Arcade que o sr. Dias Ferreira pensa em recompor-se brevemente com elementos do sr. Manuel Vaz. Dava corpo a este boato a attitude de algumas camaras do districto de Castello Branco, que reclamaram «em prol» do decreto de 1 de dezembro.

O sr. governador civil de Santarem procurou hontem em sua casa o sr. presidente do conselho que não lhe fallou, como não quiz fallar a ninguem. O sr. Dias Ferreira estava todo absorto nas suas medidas de fazenda.

O sr. ministro da fazenda teve demorada conferencia com os srs. conselheiros Carrilho, Perestrello e governador do banco de Portugal.

Não sahio hontem a ordem do exercito, por não estar ainda concluido o programma para o concurso da 17 cadeira da Escola do Exercito.

CHRONICA

Tu, que vives serenamente, sem cuidados, livre e despreocupada, carissima camponeza, franca e boa companheira dos meus brinquedos de garoto, travesso, fazes por certo, um juizo muito errado do que seja a existencia vivida n'esta villa, onde abundam as injurias e as injustiças, as difamações e as calumnias.

Aconchegada no teu canapé-sinho velusto, diante d'um candieiro de petroleo, com abat-jour picado a bico d'alfinete, em cujo perimetro se recortam flores carpinhosas, tu deixas pender a cabeça sobre a tua mão fechada, e pões-te a seismar, a scismar horas esquecidas, imaginando que Ovar é um céu aberto.

E a phantasia povoa-se-te de imagens estranhas; e as queilhas lamacentas, tortuosas da tua aldeia modesta afiguram-se-te os meandros do inferno dantesco; e as quatro paredes do teu lar sereno, onde, ás oito horas da noite, não se ouve o zumbir d'uma mosca, parecem-te as paredes d'um tumulo para onde te arremessaram viva.

Dessem-te azas, n'esses momentos de meditação, e tu voarias alegremente para o foco luminoso onde convergem todos os teus pensamentos:—Ovar.

Como tudo te fascina, dedicada leitora d'aldeia! Mariposa irrequieta, desejarias vir queimar-te na luz d'este meio onde eu vivo, luz que à tua imaginação apparece com um brilhantismo extraordinario, com todas as fulgurações do arco-iris.

Como te illudes, minha boa e doce amiga da infancia. Como tu calumnias esse pequenino eden

que nos foi berço, para ergueres, no teu espirito, um altar á rustica villa dos teus sonhos mentirosos!

Imaginando que vivemos aqui em festa perennal, que não ha mãos a medir em materia de gostos e de passatempos, supposes, de certo, que o carnaval vareiro é um verdadeiro idyllio, um mare magnum de prazeres, um assombro de espirito e de bom gosto.

Não sonhes, pois, com batalhas de flores, que se hão de ferir em plena rua, sob um céu limpido e claro; esquece Ovar, que é uma villa morta.

Não sabes? O redactor da «Folha d'Ovar», o rapaz que tem ditos fins, graça a todos, pilheria á farta, e que faz parte da fina flor da nossa fidalguia, no principio da semana subiu as escadas do tribunal, remendando o velho pardieiro, para tomar assento no banco dos réus.

O sympathico e tal-noso rapaz, que tem por defensor um advogado archi-illustre, conseguiu adiar a policia, visto não ter ainda concluido o seu preciosissimo discurso—Liberdade d'imprensa.

Todos são concordes em asseverar que o discurso, que se ha de abstrair por todas as camadas da imprensa periodica, é um assombro de estilo. Nega o que é verdadeiro e afirma o que é falso; desprestigia as instituições, e bem assim os homens e as coisas; condemna os governos; propaga escandalos; enfim trata de tudo sem saber de nada. E isto no anno da graça de 1893!

Se não houver contratempo algum, responde no dia 22 do corrente mez o abalariado redactor. Oxalá o integerrimo juiz, que tudo abala e commove com a imparcialidade das suas sentenças, não condene o rapaz esparançoso que, nas palestras animadas, tanto nos recreia com todo o arsenal da sua verve inexgotavel.

Concorreu para tornar a semana finda interessantissima e rica de episodios, a historia d'um beberrão que se esgueirou d'uma taseca immunda, muito central, commentando a ultima chronica do causticante Jayme, que reputo auctor sadissimo. Entre outras piadas de chiste apresento-te a que segue, minha boa leitora: «Se o author da chronica (falla o beberrão) prégasse nas escadas de S. Bento tanta civilidade, como n'esta folha, com certeza, matava o ministerio e o deficit, monstruoso pachiderme em que tanto falla o povinho.»

São horas de ceia. Offereço-te d'aqui, formosissima leitora, a homenagem e a genuflexão do meu respeito.

Lahore.

PORTO, 12 DE JANEIRO.

Vae o anno ainda no principio, e já se falla em tantos projectos e medidas governamentais, que por nos parecer tão disparatadas, difficilmente lhe dou credi-

to. Com tudo os jornaes mais bem informados dão-nos como certas; e para que, na qualidade de correspondente, infernar os leitores no que mais ha de interesse geral, entrarei de as enumerar, ainda que resumidamente e quasi sem commentarios.

Uma das medidas financeiras que o ministro da fazenda tenciona apresentar ao parlamento, é o augmento da taxa no imposto do consumo n'esta cidade.

Com uma medida d'estas é facil prever o resultado; pois quando até aqui a vida tem sido tão cara que fará agora com mais esta nova albarja applicada somente no dorso caloso dos pobres tripiteiros.

Mas cautella Zê Dias, não vâ essa abarda transformar-se em azorrague para castigo dos teus abusos e levandades.

E' certo tambem que o sr. ministro do reino e fazenda tenciona mandar para o Porto o general Moreira, então commandante das forças municipaes em Lisboa, para fazer valer a força bruta as suas privilegiadas medidas financeiras caso ellas passem no parlamento.

Sô assim é que o sr. Zê Dias poderá ver coroados os seus esforços e fadigas de tantos annos, que levou a criar, no seu já estafado bestunto, essas medidas redemptoras do paiz.

—Regressou d'essa villa aonde tinha ido passar as festas do Natal e anno bom o nosso presado amigo Julio Brandão, acompanhado de sua exm. familia.

—Appareceu mais um novo jornal intitulado a «Machina» dirigido pelo sr. José Augusto Correia Guimarães, orgão que se destina a defender os interesses de classe dos empregados dos caminhos de ferro.

Ao novo jornal agouramos-lhe longa prosperidade.

—Partiu para Coimbra aonde foi dar tres recitas a companhia do theatro Principe Real, devendo estar de volta no dia 15 para nova representação do impagavel Scerapião, e première do Solar dos Barrisas.

—No circo D. Afonso todas as as noites grandes enchentes para gosarem os trabalhos variados exhibidos pela companhia equestre Henrique Diaz

—No Chalet vamos ter no dia 14 a première da revista do anno—O diabo á solta—em beneficio da festejada actriz Roza d'Oliveira, que n'aquelle theatro tem sido muito applaudida em todos os papeis que são distribuidos.

—Não querendo massar mais os leitores fico por aqui e adeus até á semana.

P.

Noticiario

Estradas

Ha muito que toda a imprensa do paiz clama contra o pessimo estado em que se encontram as estradas e por toda a parte o clamor é geral, mas os ouvidos dos nossos governantes estão surdos á voz dos que clamam.

Entre nós, em alguns pontos do concelho, é impossivel

o transito, em vista do deploravel estado a que as deixaram chegar, jámais quando as aguas pluvias inundam os caminhos.

Para os impostos cá está o Zê pagante, e para a reparação de viação, ainda que elle tenha de levantar a calça até ao joelho, isso não importa. Couzas do nosso governo.

Companha nova

Os nossos amigos, Antonio Pereira Gomes e Joaquim Valente d'Almeida, da Ponte Nova, tomaram este anno sobre si uma empreza de pesca na nossa costa.

Contam já bastantes homens de trabalho, tendo para esse fim comprado osapparelhos e barcos ao nosso amigo Francisco Ferreira Coelho.

Desejamos a todos prosperas venturas, e a nós bom anno de pão e vinho!

—Consta-nos tambem que o sr. Manuel Rodrigues Caetano, tenta sobre si, arranjar este anno uma outra companhia de pesca para a nossa costa.

Thesouro d'um pobre

Dizem de Leiria que ha dias morrera n'aquellas immedições um pobre que se sustentava só pelas esmoles, inlo-se-lhe encontrar nos larrapos em que andava envolvido e em outros que tinha guardado, a bonita somma aproximada de 6:000\$000 reis!

A pedir nunca ninguem perdeu.

Frio

Já ha bastante tempo que temos sido mimoseados com umas noites e manhãs frigidissimas, e a não ser que a temperatura se eleve, só sentimos o entorpecimento dos membros e d'aqui amanhã o desenvolvimento das pneumonias.

Pelxe

Tem a nossa praça do peixe sido bastante mimoseada com a fresquidão d'este genero, e com qualidades diversas, mas nem por isso muito barato porque os consumidores levantam em pouco tempo o que apparece no mercado.

Litteratura

O LAR

Ha no mar procelloso da vida um lugar de refugio, um porto

salvador, que buscamos anciosos, depois de haver sido arrojado pelas ondas do infurto de enontro ás rochas do desengano, e esse lugar é o lar, residencia tranquilla e ditosa de nossos mais caros affetos, de nossas illusões gratissimas, do embelecimento de nossa existencia.

Quem ha que não tenha sentido alguma vez sobre sua fronte o soprar cruel da desventura? Quem, por feliz que se julgue, não experimentou seguir um dia um desses arroubos de desespero supremo, filhos da angustia que nos atormenta sem compaixão quando o mundo, occultando-nos todos os seus attractivos, se nos apresenta imponente e ameaçador como um monstro feroz que nos quer devorar?

Ninguem, certamente, visto a universalidade da lei que nos manda soffrir e que não admite excepções.

Nascer, existir e morrer chorando, é o destino da humanidade, preconizado pelos poetas e philosophos de todos os tempos.

Contra esses embates acerbos, contra essas dores terríveis, só existe o suave balsamo do lar—santuário da paz—com os consolos da esposa querida e o sorriso dos ternos filhos—emblemata sublime da familia—incentivo a todas as resignações e a todos os nobres impulsos, nascido do amor e da esperanza.

O ADAIL LOPO BARRIGA

Adail Lopo Barriga, Dos africanos terror, Onde te vaes atrevido, Com imprudente valor? Vae nas portas de Marrocos, Vae—só—cravar o punhal! Por entre as alas dos mouros, Ao sibilar dos pel-uros, Vae bradando—Portugal!

Que o adail é valente! Ninguem lho pode negar! Que o adail é ousada, Todos o podem jurar! Ri, de quem falla de medos Ao adail portuguez! Zomba dos mais atrevidos, Se nunca foram feridos, Como elle foi tanta vez!

Entron em tantos recontros Que d'uma vez lá ficou! Morio não; que o inimigo Com respeito o não matou! Mesmo prezo receavam Do atrevido adail! A sua fama nas guerras Fez ir de todas as terras, Ver-lhe a figura gentil.

Todos os mouros que o viam Nenhum lhe ousava tocar! Qu'inda prezo lhe temiam O proprio gesto e olhar! E um que, por mais valente, As barbas lhe chega a mão, Deu elle a paga tão prompta, Que ficou saldada a conta, Deitando-o morto no chão!

Foi cruelmente açoutado, Era escravo—que fazer?... A camisa ensanguentada Ao seu rei fez remetter! Mandou el-rei resgatal-o; Voltou á patria a final! Mas tornou logo ás batalhas, A talhar novas mortalhas Por honrar a Portugal!

Sabia dar taes lançadas Que ninguem lhas aprendeu, Porque o corpo que as provava Nunca mais lança moveu!

OVARENSE

Amagor, n' Africa, toma ;  
Bate o castello d'Alguel,  
Mas aqui, quasi a esperanza,  
Por muitos golpes de lança,  
Lhe sahe do peito fiel !

Inda vence, inda s'escapa  
Do poder dos infeis !  
Inda vem colher louvores,  
Da bocca dos anadeis !  
Inda traz a patria, gloria  
Com que levante um padrao !  
Inda depois de finado,  
Entre os mouris foi lembrado  
De valentia em rifao !

Morreu honrado e valente,  
Que era valente e leal !  
Cobriu de gloria as bandeiras  
Do nosso bom Portugal !  
E foi costume entre muros,  
Depois de morto, o dizer  
Uns aos outros, quando em briga:  
Do adal Lopo Barriga  
Lanças te vão colher !

F. G. de Amorim.

O PASSARO E A VIOLETA

A uma menina

I

Que passagem tão formosa !  
Figura-te um apartado canto de  
frondoso valle, rodeado de alamos,  
tapetado de musgo, pelo qual,  
para que nada faltasse á  
belleza d'aquelle sitio, se desliza-  
va tranquillo um murmurante ar-  
roiozinho. Figura-te uma peque-  
na gruta, obra da Natureza, em  
cuja entrada se veem á guisa de  
adornos architectonicos, mil ca-  
prichosas estalactitas e estalami-  
tos que o sol dourava ao desapa-  
parecer no Occidente.

E depois um silencio tão so-  
mente interrompido pelo murmu-  
rio que produziam as aguas do  
arroio ao chocar com um monte-  
sinho de pedras, que, qual obsta-  
culo tyranno, se levantava orgu-  
lhoso no meio da corrente.

Que paisagem tão formosa.  
Eu a tinha contemplado muitas  
vezes; e uma d'ellas minha mão,  
obedecendo os impulsos do ir-  
quieto cerebro, traçou sobre o  
papel este conto que dedico como  
uma prova da sympathia que me  
inspira o candor de teus poucos  
annos.

II

Uma planta de violetas cres-  
cia na margem direita do arroio  
e entre as numerosas que abriam  
suas pétalas para perfumar o  
ambiente, vi uma que chamou  
minha attenção porque, alguma  
coisa retirada do grupo que for-  
mavam as demais se achava qua-  
si occulta entre as verdes folhas.

Era uma das ultimas manhãs  
do mez de fevereiro. O sol se  
achava na metade de sua carreira  
quando um pintassilgo que ia re-  
volvendo pelo espaço, encantado  
sem duvida da belleza d'aquelle  
logar, suspendeu seu vôo e pôs-  
sou na folhagem junto ao lugar  
onde estava a humilde florzinha.

— Deus te guarde flor bellis-  
sima, disse elle entoando um de  
seus mais formosos cantos e ar-  
ranjando depois com o bico as  
penas de suas azas.

— Sejas bem vindo, respon-  
deu a flor. A que devemos a hon-  
ra de que nos visite o cantor  
mais travesso do reino alado ?

— Passava por aqui, exclamou  
o passaro com certa fatuidade,  
e agradou-me a paisagem,  
quize vel-a mais de perto e não  
me arrependo porque vi tam-

bem a flor mais linda que admi-  
rar-se pôde em todos os jardins  
do universo.

Inclinou a violeta sua haste,  
dando a conhecer o rubor que lhe  
causavam aquelles elogios, e de-  
pois de uma curta pausa fallou  
d'esta maneira :

— Se viras que felizes somos  
n'este lugar ! Na alvorada, quan-  
do o sol envia seus primeiros  
raios desfazendo as gotas de or-  
valho que a noite verteu em nos-  
sos calices; quando ao erguer  
nossas hastes cahem aquellas con-  
vertidas em perolas sobre o ma-  
cia grama, sentimos alguma cou-  
sa... alguma cousa como uma  
força mysteriosa que nos faz  
olhar para o céu. E então em  
homenagem ao Creador do Mun-  
do, exhalamos gratos aromas que  
o zephiro recolhe e esparge pelo  
prado. Logo depois, durante o  
dia esse arroio que nos serve de  
espelho, fazendo penetrar na ter-  
ra suas destillações, nos presta  
grata humidade que vigorisa nos-  
sas hastes.

Só nos falta para o comple-  
mento de nossa dita um cantor  
um divino cantor que misture seu  
accento com o murmurio do ar-  
roio... Se tu quezesses viver  
connosco !

— Ah !... ah !... ah ! pre-  
rompeu o passaro ! Que vida tão  
monotona a minha se accedesse  
a teus desejos... Estar sempre  
em um mesmo lugar... Ver os  
mesmos objectos diariamente...  
Isso é bom para as plantas que,  
como tu, não podem separar-se  
de sua mãe, a terra; porém, eu,  
que nasci para contemplar o mun-  
do, para gozar de tão doces emo-  
ções, como vêr cousas bonitas,  
não posso condemnar-me a uma  
perpetua reclusão.

Tu não sabes, violeta, o bri-  
lhante porvir que me aguarda.  
Ha já muito tempo que me se-  
parei de meus paes. Sabia já  
voar. Para que os necessitava ?

Minha fortuna é immensa.  
Vôo, vôo, sem descanso; remou-  
to-me até cerca das nuvens, e  
d'ahi contemplo o mundo com  
desprezo. Todos os objectos são  
átomos insignificantes contempla-  
dos das alturas... Meu unico  
anhelo é elevar-me cada vez mais,  
descobrir novas bellezas, traspas-  
sar o infinito...

— Necio, necio ! murmurou  
a violeta com voz apenas percep-  
tível. Tu estás sujeito como eu,  
às leis immutaveis. Tu não pôdes  
nunca, traspassar o limite que  
Deus te fixou. Tu não és feliz ;  
porque a verdadeira felicidade pos-  
sivel, não consiste em anhelar o  
desconhecido, e não em conten-  
tar-se com o que se possui. Eu  
me compadeço de ti pintassilgo.

— Obrigado linda violeta; pô-  
rém com tua licença parto. Já  
tenho descansado sufficientemen-  
te e me causa aborrecimento es-  
ta solidade e teus philosophicos  
conselhos. Quero ver mundo...  
muito mundo... muito mundo...

E o passaro vôou cantando.

III

Que succedeu depois ? A vio-  
leta, sempre humilde e satisfeita  
com sua sorte, continuou a des-  
fructar aquella existencia tran-  
quilla que o pintassilgo tinha des-  
presado. Jámais aspirou a sahir  
do estreito circulo cuja continua  
uniformidade constituia todo o seu  
encanto. Seccavam-se suas folhas  
durante certa epocha, porém no  
seguinte anno nasciam de novo e  
volvía a desfructar dos mesmos  
prazeres e era eterna a sua dita.  
Em contraste o altivo passaro  
uma vez que se quiz remoutar

até onde sonhava seu pensamen-  
to, se encontrou com as garras  
do gavião poderoso, e victima foi  
do seu necio orgulho.

IV

Menina: quando a idade maior  
te faça comprehender a moral  
que encerra este humilde conto-  
sinho; procura imitar a conducta  
da violeta, e dedica uma lem-  
brança de compaixão ao presun-  
cioso pintassilgo.

T. C.

ANNUNCIOS

ARREMATACÃO

1.ª publicação

No domingo 29 do cor-  
rente, pelo meio dia, á porta  
do Tribunal Judicial d'esta co-  
marca, sito na Praça, d'esta  
villa, voltam novamente á pra-  
ça pela segunda vez as pro-  
priedades abaixo mencionadas,  
afim de serem arrematadas por  
quem mais offerer sobre o  
preço em que vão á praça,  
descripta no inventario orpha-  
nologico a que se procede por  
obito de José Pinto, viuvo,  
morador que foi no lugar do  
Corgo, freguezia de S. Vicen-  
te, d'esta comarca, a saber:

Uma leira de terra lavra-  
dia, de natureza allodial, cha-  
mado o Campo do Vareiro, sita  
no lugar do Corgo, da dita  
freguezia, que confronta do  
norte e sul com José Valente  
da Silva, nascente com cami-  
nho particular e poente com  
Manuel Gomes Pereira, no  
valor de 72\$000 reis.

Outra leira de terra lavra-  
dia e matto, allodial, chamada  
as Aradas, sita no mesmo lo-  
gar e freguezia, que parte do  
norte com Francisco Antonio  
de Pinho, sul com Manuel Mar-  
tins d'Oliveira, nascente com  
caminho particular e poente  
com Joaquim José dos Reis,  
no valor de 45\$000 reis. Pa-  
ra a arrematação são citados  
os credores incertos.

Ovar, 12 de janeiro de  
1893.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Salgado Carneiro.

O Escrivão

Frederico Ernesto Camarinha  
Abragão.



Vino Nutritivo de Carne

único legalmente autorizado pelo  
governo, e pela junta de saúde publicos  
de Portugal, documentos legalizados  
pelo consal geral de Imperio do Bra-  
zil. É muito util na convalescência de  
todas as doenças; augmenta conside-  
ravelmente as forças aos individuos  
debilitados, e excita o appetite de um  
modo extraordinario. Um calice d'este  
vino, representa, em bom bife. Acha-  
se á venda nas principaes pharmacias.



CONTRA A TOSSE JAMES

Único legalmente autorizado pelo  
Conselho de Saude Publica de Portu-  
gal, ensaiado e approved nos hospita-  
es. Cada frasco está acompanhado  
de um impresso com as observações  
dos principaes medicos de Lisboa,  
reconhecidas pelos consules do Brazil.  
Depositos nas principaes pharmacias.

Mais de cem medicos attestam  
a superioridade d'este vinho pa-  
ra combater a falta de força



CARTÕES DE VISITA  
Imprimem-se n'esta ty-  
pographia com perfeição e  
nitidez.

TANOARIA OVARENSE

— NA —

RUA DAS FIGUEIRAS

OVAR

N'este estabelecimento fabrica-se com todo o esme-  
rão e perfeição toda a obra concernente a este ramo de  
industria, como são: pipas, meias pipas, quintos, decimos,  
oitavos e toda a qualidade de obra, garantindo-se não  
só a boa qualidade de madeiras, como a modicidade de  
preços em todos os seus trabalhos.

Toda a correspondencia para este fim expedida deve  
ser dirigida á firma commercial de

CARBELHAS, CUNHA & C<sup>a</sup>

OVAR

TI

HISTORIA

DA

GUERRA FRANCO-PRUSSIANA

E DA

COMMUNA DE PAPIIS

TRDUCCÃO DE

Gualdino de Campos

Os cinco volumes em que se divide esta obra, formato oitavo  
congregam os seguintes assumptos:

A queda do imperio ou a guerra dymnastica.—A guerra nacional  
e a resistencia ao inimigo.—O governo da defeza nacional.—A procla-  
mação da republica e a deposição do imperador.—A communa de Pa-  
ris.—A presidencia de Thiers.—As luctas da assembleia.—A tribuna  
depos dos combates.—Os patriotas da Alsacia e da Lorena.—Os empres-  
timos.—O renascimento da patria franceza.—A presidencia de Mac-Manhon  
—Cicatrisação das chagas da patria.

Tal é a sumula dos episodios, das cises, dos quadros punzentes  
dedicações que Julio Claretie descreve com um profundo sentimento  
de justiça e animado por um ardente amor de liberdade

Condições d'assignatura—A obra será publicada em fasciculos de  
32 paginas, em papel expressamente fabricado para ella, sendo distribuidos  
res mensalmente, nos dias 1, 10 e 30 de cada mez. Será dividida em  
5 volumes.

Em Lisboa e Porto o preço de cada fasciculo é de 100 reis pagos no  
acto da entrega.

Nas demais terras do reino, accresce a cada fasciculo o porte docor-  
reio, custando por isso 110 reis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida aos editores LEMOS e  
Lima de S. Victor, 149, PORTO.

AFRICA PORTUGUEZA



PORTOS DO BRAZIL

AGENTE EM OVAR

# SERAFIM ANTUNES DA SILVA



**C**ARREIRA de magnificos vapores tanto para a Africa Portuguesa como para os portos do Brazil, sendo as suas passagens o mais resumidas do que em outras quaesquer agencias, e o tratamento a bordo é sem duvida dos melhores.

As Companhias de que o signatario é agente tambem concedem PASSAGENS GRATUITAS a trabalhadores do campo (homens ou mulheres) solteiros, casados e suas familias que desejem ir para a America do sul.

Estas empresas tem sempre paquetes promptos a sahir para as diferentes vincias do Brazil, taes como:

PARA, MARANHÃO, CEABA, MANAUS, PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, SANTOS, E RIO GRANDE DO SUL—bem como para a AFRICA ORIENTAL e OCIDENTAL.

O seu agente em Ovar é Serafim Antunes da Silva, que pôde todos os esclarecimentos precisos a este respeito, encarregado além d'isso de apromptar os necessarios documentos e a passar os respectivos bilhetes de embarque aos senhores passageiros.

Para os portos acima mencionados tratar as suas passagens com

**SERAFIM ANTUNES DA SILVA**  
RUA DA PRAÇA  
OVAR

L & C.—EDIT RES  
1890  
**HISTORIA**  
DA  
Revolução Francesa  
POR  
**LUIZ BLANC**  
TRADUÇÃO DE  
MAXIMIANO LEMOS JUNIO  
ustrado com perto de 600 magnificas gravuras

Este livro, que criticos auctorisados consideram como o unico altura da epocha de que se occupa, será publicado em 4 volumes de 400 paginas cada um. A parte material da edição é magnifica. A empresa LEMOS & C.ª contractou com a casa editora franceza a cedencia de tiragem em tal quantidade que se de calcular que cada fasciculo,

rá com o s gravuras, ms de pag ra.  
Cada fasciculo comprehende 16 paginas, em quarto, impressos em typo elzevir, completamente novo, de corpo 10, e que nos permite dar uma grande quantidade de materia

**ARTE MUZICAL**  
Revista quinzenal, musical, litteratura e theatros.

Condições d'assignatura: Em Lisboa, trimestre (pagamento adiantado) 900 reis; provincias, cresce o porte do correio. Anuncios na 7.ª e 8.ª pagina, ajuste convencional.

Em cada mez será distribuido aos ex.ªs srs. assignantes uma peça de musica de piano ou piano e canto. Pedidos d'assignatura ao Armazem de musica e pianos de Malta Junior & Rodrigues, Rua Garrett, 112 e 114. Lisboa, e livraria de José Antonio Rodrigues, rua do Ouro, 186 e 188, Lisboa.

**ATRAVEZ DO PASSADO**  
1 volume 12.ª..... 500 reis

**Mazel Pinhei Chagas**  
**A DESCOBERTA DE JUCA**  
traduzido de Desbeaux  
Magnifico volume 4.ª ornado de numerosas gravuras, brechado 2.ª000 reis.

**Pierre Loti**  
**O PESCADO DA ISLANDIA**  
tradução de Maria Amalia Vaz de Carvalho

2.ª edição  
4 volume

**Remedios de Ayer**  
Vigor de cabello de Ayer—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura. Peitoral de cereja de Ayer—remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.



Extracto composto de Salsaparilha de Ayer, para purificar sangue, limpar o corpo e cura radical das Escrofulas.

O remedio de Ayer contra as sezões—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer—melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

Perfeito desinfectante e purificante de Jeyes—Para desinfecção de casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura e manchas de roupa, limpar metais, e curar feridas, preço 240 reis.

**GRANDE DICIONARIO**  
DE  
**LAROUSSE**  
A MAIOR  
E MAIS COMPLETA  
ENCYCLOPEDIA  
17 Volumes 4ª encadernados

Um VOLUME POR MEZ 6500 REIS (pago á entrega) LISBOA  
Um VOLUME POR MEZ 6800 REIS (pagamento adiantado) PROVINCIA

DIRIGIR OS PEDIDOS A  
**GUILLARD, AILLAUD & C.ª**  
242, rua Aurea, 1º — LISBOA

**Acido phosphato**  
DE HORSFORD

Um tonico delicioso se obtem dicionando uma colher de chá de Ide Phosphate a um copo d'agua quente ou fria, ou chá sem leite e açucando para melhor paladar.

Recomenda-se especialmente para:

Dyspepsia, indigestão, dores de cabeça e nervoso.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias: preço 700 reis, e é barato porque um frasco dura muitas semanas. Os agentes James Cassels & C.ª, rua de Mousinhó da Silveira 851 1.ª Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. facultivos que as requisitarem

**Le Taxil**  
**OS YSTERIO DA FRANÇA**  
AÇONRIA

Versão portugueza do Padre Francisco Correia Portocarreiro, com uma dedicatória do aucter a sua magestade a rainha D. Amelia; com auctorisação do sr. cardinal D. Americo, bispo do Porto. Obra que mereceu um breve de sua santidade Leão XIII, em 18 de maio de 1880.

A obra constará de dois volumes distribuida em fasciculos de 32 paginas de texto com quatro ou mais gravuras. Preço de cada fasciculo 400 reis, pagos no acto da entrega.

Assigna-se em todas as livrarias do reino e em casa do editor Antonio Domingos, rua dos Martires da Liberdade Porto, 113.

Sede da Redacção e administração, Typographia e Impressão Largo dos Campos, 1—OVAR.